

## A DANÇA COCO NO CHÃO DA ESCOLA

Gleiciely Nascimento Henrique<sup>1</sup>  
Adriano Florêncio da Silva<sup>2</sup>  
Thaís Maria da Silva<sup>3</sup>  
Flávio Campos de Moraes<sup>4</sup>

### RESUMO

A dança se legitima como objeto de estudo e ensino da educação física e suas contribuições pedagógicas vêm sendo investigadas crescentemente contribuindo para uma valorização na utilização do conteúdo no processo ensino/aprendizagem na escola. Objetivou-se proporcionar alternativas de pesquisa e ação educacional numa perspectiva de redimensionamento do fazer avaliativo. Para a coleta de dados utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo. Os alunos que participaram da vivência, conseguiram ampliar seus horizontes conceituais sobre a dança coco. A aprendizagem torna-se significativa quando o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento dos alunos passando a adquirir significado para ele ao manter relação com a sua vivência. A prática pedagógica em nossa contemporaneidade deve formar um sujeito capaz de ter história própria, fomentando a liberdade para interferir e transformar, tornando-se protagonista da sua aprendizagem. Esperamos que este trabalho suscite novas intervenções e pesquisas não âmbito da dança e educação.

**Palavras-chave:** Dança, Educação, Escola, Educação Física.

---

<sup>1</sup>: Autor :Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [gleicy.nh@hotmail.com](mailto:gleicy.nh@hotmail.com);

<sup>2</sup> Co-autor: Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [adrisilvaflorencio@gmail.com](mailto:adrisilvaflorencio@gmail.com);

<sup>3</sup> Co-autor: Graduanda do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [thais.cabral.silva@hotmail.com](mailto:thais.cabral.silva@hotmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador: Mestre, Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, [flavio\\_camposmoraes@hotmail.com](mailto:flavio_camposmoraes@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

O presente estudo foi desenvolvido no projeto de extensão diálogos corporais através da dança UFPE/CAV 2018, como meio de possibilitar novas práticas pedagógicas no âmbito escolar, com a abordagem do tema que tem como premissa identificar os movimentos do corpo através da dança folclórica do coco, além de construir o aprendizado sobre a cultura regional, envolvendo coreografia, expressões corporais, como forma de expressar a cultura corporal. (BRASILEIRO, 2003).

Segundo Isabel Marques (2003, p.36), os conteúdos da Educação Física no chão da escola, segundo os PCNs, são divididos em Esportes, jogos, lutas e ginásticas; Conhecimentos sobre o corpo; e Atividades rítmicas e expressivas. É neste último que a dança está inserida, entretanto o que podemos observar é que, na grande maioria das escolas públicas, a dança não é trabalhada, sendo o esporte o foco principal. (MARQUES, 2003).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB 9394/96 - regulamenta o ensino da arte como componente curricular obrigatório da Educação e sugere a presença das diferentes linguagens artísticas no contexto escolar, e dentre elas destacamos a dança (STRAZZACAPA, 2006). Entretanto, conforme a mesma autora, raramente a dança está na escola, seja pela falta de especialistas da área, seja pelo despreparo dos professores.

Apesar do contexto supra citado, a dança se legitima como objeto de estudo e ensino da Educação Física e suas contribuições pedagógicas vêm sendo investigadas crescentemente frente aos problemas educacionais, contribuindo para uma valorização na utilização do conteúdo no processo ensino/aprendizagem na escola, não num sentido de sobrepujar os outros conteúdos, mas de realmente ser pedagogicamente explorado. Em suma, o objetivo deste estudo é proporcionar alternativas de ação e pesquisa educacional numa perspectiva de redimensionamento do fazer avaliativo, pautado na co participação (aluno-professor) nas aulas de Educação Física escolar. Compartilharemos das ideias sobre dança na escola nas autoras: Isabel Marques (2003), Lívia Brasileiro (2003) e Marta Strazzacapa (2006). Em nossa discussão também dialogaremos principalmente com Freire (1989 e 1996), Sancristan e Gomes (1998) e Demo (2004) sobre as noções de ensino/aprendizagem no chão da escola.

## **METODOLOGIA**

O projeto de extensão “diálogos corporais através da dança” desenvolvido em 2018 carrega em seu bojo perspectivas de intervenção e valorização da dança e teve sua gênese em 2016, na Universidade Federal de Pernambuco (Câmpus de Vitória). O projeto atua diretamente na formação dos alunos da instituição, pensada no seu viés mais abrangente, que incorpora a reflexão crítica e a experiência cultural e estética. O projeto tem contribuído para o desenvolvimento acadêmico e cultural dos alunos, aprimorando seus desempenhos na leitura e produção de textos, na expressão oral e artística e na discussão de temas sociais importantes. O projeto promoveu a oficina “dançando coco no chão da escola” no dia 14 de novembro de 2018. O trabalho foi na escola Baby Atual Vitória de Santo Antão-PE, e foi desenvolvido por 4 estudantes do curso de licenciatura em Educação Física da UFPE/Centro Acadêmico de Vitória, com carga horária total de 2h. Participaram da pesquisa 22 Alunos da escola Baby atual (idade 8 à 10 anos), sendo 4 meninos 18 meninas.

## **DESENVOLVIMENTO**

O desenvolvimento da pesquisa tem caráter qualitativo, na qual a investigação ocorreu no lugar da averiguação, podendo desenvolver e/ou obter resultados de maneira mais concisa e coerente, para a apresentação e conclusão da mesma. (TRIVIÑOS, 1987). Como instrumento para a coleta de dados utilizou-se a técnica do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC). A técnica do DSC é utilizada para organização e análise de dados qualitativos de natureza verbal e tem como fundamento a Teoria da Representação Social e seus pressupostos sociológicos, a qual defende que uma pessoa é ao mesmo tempo individual e coletiva, pois possui singularidades, mas também faz parte de uma coletividade (LEFEVRE & LEFEVRE, 2010). O objetivo do DSC é, por meio da análise do material verbal, construir um ou mais discursos síntese que expressem a coletividade, escrito na primeira pessoa do singular. Também foram realizadas anotações das vivências e transcrição das respostas aos questionamentos orais no DSC realizados com os participantes. Buscou-se uma relação dialógica onde não só o professor é o detentor do conhecimento, com efeito, os alunos trouxeram suas contribuições que enriqueceram nossa experiência educacional, visto que os educandos trazem consigo seus conhecimentos sócio-culturais. Dentre as perguntas e ações mobilizadoras elucidamos os seguintes motivos: Conceituar o gênero Coco; Elucidar aspectos

históricos do coco enquanto dança e manifestação cultural da região nordeste; Vivenciar a dança coco de roda.

Roda de conversa e vivência da dança coco de roda

Como ponto de partida fizemos uma roda de conversa, e foram feitas perguntas no início da aula aos alunos para que eles pudessem interagir e demonstrar seus conhecimentos prévios para que identificássemos o que eles já conhecem sobre a dança coco e saber quais caminhos iríamos trilhar. Ao final fizemos as mesmas perguntas para sabermos o que eles conseguiram apreender e aplicamos a técnica do DSC.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nos resultados temos a ideia central 1 (Quadro 1), que expressa o discurso dos participantes em relação ao seu conhecimento prévio sobre o objeto.

**Quadro 1** - Ideia central 1 e discurso do sujeito coletivo dos participantes do estudo em resposta à pergunta: O que é a dança coco para vocês? Vitória de Santo Antão/PE, 2018.

Ideia Central - 1  A problematização buscou o conhecimento prévio sobre a dança coco
Sujeito 1 - minha mãe bota na comida  Sujeito 2 - eu nunca dancei coco, só comi  Sujeito 3 - eu nunca ouvi falar e nunca vi essa dança

Fonte: Elaboração do autor, 2018.

O conceito pré estabelecido ou pré-conceito no discurso transcrito sobre a dança coco, os participantes responderam a seguinte pergunta mobilizadora: O que é a dança coco para vocês? 3 alunos verbalizaram suas respostas e os demais alunos concordaram com as respostas, pois tivemos o cuidado de perguntar “quem concorda com as respostas dos colegas levantem o braço?” todos levantaram os braços legitimando o discurso dos alunos

respondentes antes e após a vivencia da dança proposta. O aprender na escola precisa acontecer de forma significativa, onde a apropriação do conhecimento não pode partir do nada, mas sim do conhecimento prévio, dos interesses e das experiências dos alunos. (SANCRISTAN E GOMES, 1998). O quadro 2 expressa o discurso dos participantes em relação aos seus saberes após a vivencia da aula da dança coco, respondendo a questão: O que é a dança coco para vocês?

**Quadro 2** - Ideia central 2 e discurso do sujeito coletivo dos participantes do estudo em resposta à pergunta: O que é a dança coco para vocês? Vitória de Santo Antão/PE, 2018.

<p>Ideia Central - 2</p> <p>A ideia central buscou o conhecimento produzido no chão da escola sobre a dança coco onde os alunos foram questionados após a vivencia.</p>
<p>Sujeito 1 - “o coco é uma dança do nordeste”</p> <p>Sujeito 2 - “é como se a pessoa tivesse quebrando coco com o pé.”</p> <p>Sujeito 3 - “parece uma dança de índio.”</p> <p>Sujeito 4 - “é só bater o pé e a mão na batida da música.”</p>

Fonte: Elaboração dos autores, 2018.

A aprendizagem torna-se significativa quando o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento dos alunos passando a adquirir significado para ele ao manter relação com a sua vivência. (SANCRISTAN E GOMES, 1998).

O educador Paulo Freire (1989, p.93) ressalta o diálogo como o encontro entre os homens, mediatizados pelo mundo para pronunciá-lo, desenvolvendo uma pedagogia sustentada no processo de conscientização crítica da realidade. Com efeito, entendemos que a ação docente deve valorizar os saberes escolarizados e não escolarizados de todas as pessoas, já que todas sabem muitas coisas, e isto nos leva a romper com valores estereotipados como de superioridade, de dono de verdades e de saberes, que por vezes, se relaciona com as pessoas como ser superior, auto-suficiente, dominadora e opressora. (FREIRE, 1989). Em

nosso trabalho com os alunos da escola Baby Atual, conseguimos visualizar este cenário de protagonismo mútuo, propondo uma relação horizontal entre aluno e professor no trato com o objeto. (FREIRE, 2007).

Nesse contexto, como foi visto a ideia central 2 do DSC expressa o discurso dos sujeitos ao verbalizar de acordo com seu entendimento e vivência no chão da escola o que representa a dança coco. Os alunos da escola Baby atual que participaram da vivência da dança coco, conseguiram ampliar seus horizontes conceituais sobre a dança. Desta forma, entendemos que a aprendizagem torna-se significativa quando o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento dos alunos passando a adquirir significado para ele ao manter relação com a sua vivência. (SANCRISTAN E GOMES, 1998). Nossa intervenção buscou uma relação horizontal, onde professor e aluno estão no mesmo patamar de protagonismo na cena educacional, entendendo que os educandos não são uma tabula rasa, verificamos que os alunos ampliaram sua visão sobre a dança coco, pois numa perspectiva baseada na pedagógica relacional, o professor ou mediador, além de ensinar, passa a aprender; e o aluno, além de aprender, passa a ensinar. (FREIRE, 1996).

Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente, fazendo do professor um co-autor do processo de aprendizagem dos alunos, levando o conhecimento a ser construído e reconstruído continuamente. (DEMO, 2004).

Segundo Coll (1996), a escola é a instituição escolhida pela população para desenvolver práticas educativas sistematizadas no intuito de possibilitar a construção de identidades pessoais e coletivas. Processo pelo qual nos encantamos e nos transformamos em cidadãos. A pedagogia do encantamento parte da premissa também de que a educação é um processo de envolvimento das diversas dimensões do ser humano (afetiva, religiosa, intuitiva, racional, instintiva etc.). (SILVA, 2010). Na encarnação de práticas educativas que contribuem para a constituição e consolidação de uma sociedade justa e amorosa, comprometida com a ética e a beleza, ávida por felicidade. O encantamento não alienante, mas excessivamente conscientizador que nos conduz a um mergulhar reflexivo nas entranhas histórico político e sociais da sociedade para podermos de fato ser cidadãos. (SILVA, 2010).

Vejamos nas imagens (Figuras 1, 2 e 3 ) alguns momentos registrados que evidenciam as propostas das aulas.

**Figura 1. Questionamento sobre o que é coco na escola atual Baby**



A figura 1 mostra o momento em foi problematizado o que é coco? Quem conhece a dança coco? Os alunos mostram-se atentos e interessados na proposta.



**Figura 2. Contando história da dança coco na escola atual Baby**

no segundo momento denominado de “contando a história do coco” buscou-se elucidar de onde veio, por que do nome coco de roda. Mostramos através de contação de história a curiosidade histórica sobre por exemplo: as sandálias de madeira que serviam para quebrar o coco e sua marcação na batida da música que reflete uma pisada quebrando algo. Benjamin (1986) considera que a narrativa é a faculdade que possuímos de intercambiar experiências. E os professoras devem dedicar-se a essa finalidade, aproximando a contação das histórias de uma forma artesanal de comunicação, que requer a participação ativa do ouvinte, disso

depende a existência do narrador da história. Após contar sobre a história do coco, pedimos para que os alunos ficassem de pé e com movimentos simples começamos a vivenciar a dança do coco de roda ao som de músicas de Selma do Coco, artista vitorriense ícone no coco de roda de Pernambucano que também foi citada na história.



**Figura 3. Socializando os passos do coco na escola atual Baby**

Utilizamos inicialmente o método descoberta induzida onde verbalizamos os movimentos e os alunos vão tentando “decifrar” corporalmente nossas narrativas. Depois utilizamos o método espelhado na condução da aula, onde os alunos imitam o movimento (global ou fragmentado) do professor ou mediador. Os alunos ficaram numa formação de paredão, ou seja, lado a lado entre eles. Começamos com a marcação do pé direito á frente e uma palma (batida das mãos) para marcar o ritmo. Posteriormente, com a marcação do pé direito á frente na batida forte da música eletrônica. Após isso foi feito a Utilizamos o movimento bilateral dos pés a frente juntamente com a batida das palmas das mãos, depois com mudança de frente (com angulações de 90 a 180 graus para a direita e para a esquerda) e também socializamos o movimento de umbigada. Para finalizar, pedimos para que os alunos uma roda fizessem uma roda e cada um espontaneamente ia para o centro realizar os passos que aprendeu e que poderiam criar novos movimentos. Percebemos a alegria e motivação dos alunos em participar da vivência, pareciam estar encantados com o novo. Na despedida os alunos vieram nos abraçar e agradeceram pela aula.



**Figura 4. Alunos mostrando alegria após vivência da dança coco**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do avanço nos conhecimentos sobre a avaliação da aprendizagem enquanto processo social, a maioria dos professores parece ignorar seu papel na interação e na construção social do conhecimento no desenvolvimento de uma avaliação da aprendizagem significativa. Aprender é o resultado da interação entre estruturas mentais e o meio ambiente, fazendo do professor um co-autor do processo de aprendizagem dos alunos, levando o conhecimento a ser construído e reconstruído continuamente. Entendemos que a ampliação do conhecimento da dança coco de roda foi construído pelos alunos. Quando o conhecimento é construído pelo sujeito da aprendizagem, há que se prevalecer a resignificação dos sujeitos baseadas em novas formas de comunicação, caracterizando assim competências e atitudes significativas. Promovemos uma interatividade na vivência da dança, e a interatividade e o processo de construção da aprendizagem eficiente, onde o docente exerce a sua habilidade de mediador das construções de aprendizagem, pois mediar é intervir para gerar mudanças por provocar o sujeito. O docente torna-se um colaborador e exerce a criatividade do seu papel de co-autor do processo de aprender dos alunos.

Destarte, a prática pedagógica em nossa contemporaneidade deve formar um sujeito capaz de ter história própria, fomentando a liberdade para interferir e transformar, tornando-se protagonista da sua aprendizagem. Esperamos que este trabalho suscite novas intervenções e pesquisas nas áreas de educação, Educação Física e dança.

## REFERÊNCIAS

BRASILEIRO, Livia Tenório. O conteúdo “dança” em aulas de educação física: temos o que ensinar? Pensar a Prática n.6, p. 45-58, 2003. Acesso em: 15 abr.2019. (p.54,56).

BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COLL, César. Construtivismo e educação escolar: nem sempre falamos da mesma coisa E em sempre o fazemos da mesma perspectiva epistemológica In: RODRIGO, M. J.; ARNAY, J. (Org). Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança – a construção do conhecimento escolar. São Paulo, SP: Ática, v.1, 1998, p.135-68.

DEMO, Pedro. Aprendizagem no Brasil: ainda muito por fazer. Porto Alegre: Mediação, 2004.

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. 19 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

\_\_\_\_\_. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARQUES, Isabel A. Dançando na escola. São Paulo – Cortez, 2003.

SACRISTÁN, J. G. e GÓMEZ, A. I. P. Compreender e transformar o ensino. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, J.F. Avaliação na perspectiva formativa reguladora : pressupostos teóricos e práticos. Porto Alegre: 3ª edição Mediação, 2010. 96p.